



APRESENTAÇÃO

DOSSIÊ MAX E O MARXISMO

“Pelo seu conteúdo ideológico, *O Capital* é um livro que se pode estudar com simpatia ou antipatia, mas não com indiferença”¹ Mario Henrique Simonsen

A passagem em epígrafe, de um autor cuja nomeada dispensa maiores apresentações e que ocupou cargos de grande importância durante a ditadura militar, inclusive os de ministro da fazenda e do planejamento, exemplifica a atitude de um professor que, embora crítico contundente do pensamento de Marx, não deixa de reconhecer a importância de seu legado. Concorde-se ou não com os termos de sua análise crítica, esta, no entanto, não se reduz à repetição de chavões ou a imprecisões grosseiras. Simonsen, na verdade, seguiu na esteira de uma longa tradição de críticos que, desde, pelo menos, Böhm-Bawerk, se debruçaram, com maior ou menor rigor, sobre o legado teórico de Marx, considerando importante analisá-lo. Raymon Aron, por exemplo, exercitou esta crítica com tanto esmero, ao longo de toda a sua vida, que terminou por converter sua obra póstuma *O Marxismo de Marx* em um texto de referência nos estudos sobre o pensamento de Marx, tornando sua leitura aconselhável também para os seguidores do ilustre renano².

Embora recorrente, pois sua demonização se reitera a cada geração, a atual defenestração de Marx e de seus epígonos, no presente contexto nacional, chama a atenção pelo desassombro com que pigmeus do pensamento reiteradamente pontificam sandices em uma conjuntura em que a Guerra Fria ficou, há décadas, relegada ao sepulcro da história. Sua ressurreição nestas paragens tropicais, atrelada a um recrudescimento do fundamentalismo mais tacanho e bizarro, não tem paralelo no mundo contemporâneo, mesmo levando-se em consideração certo apogeu da extrema direita, com todos os seus anacronismos, na Europa de hoje. A sensação que dá é a de que o senso do ridículo se escafedeu no âmbito desta nação fundada nas terras de Pindorama...

¹ Simonsen, Mario Henrique, “Número especial sobre Marx e a revolução de Von Neumann”, in *Revista Brasileira de Economia*, Vol. 38, nº 2, Rio, FGV, abril/junho de 1984, p.3.

² Cf. Aron, Raymond, *O Marxismo de Marx*, São Paulo, Arx, 2003.

Sem embargo, queiram ou não os corifeus do obscurantismo, o legado de Marx continua pujante, a iluminar nossa compreensão da sociedade contemporânea, e já é parte ineludível do acervo cultural da humanidade. *Ideação*, dando continuidade à sua tradição de publicar dossiês acerca de temas filosoficamente relevantes, aproveita o ensejo da efeméride dos duzentos anos dos natalícios de Marx (2018) e de Engels (2020) para apresentar um dossiê sobre “Marx e o marxismo”. A própria variedade dos temas tratados nos diferentes artigos que integram este dossiê transparece, em alguma medida, a grande diversidade e riqueza dos estudos sobre o legado de Marx em nosso meio. *Ideação* agradece aos autores que se dispuseram a colaborar, esperando que este dossiê seja do agrado de seus leitores e lhes brinda, a seguir, uma sinopse de seu conteúdo.

A partir de uma análise da obra *Cinq études du matérialisme historique*, Alexandre Marinho Pimenta propõe demonstrar em seu artigo, “A contribuição à crítica da economia política em Étienne Balibar”, como Étienne Balibar, através dos clássicos do marxismo e da “problemática althusseriana”, relaciona o processo de produção-valorização do capital e as classes sociais (em luta), e seus impactos na teoria social. Pretende analisar, especificamente, qual a relação entre economia política, ou o campo “econômico”, e o marxismo, quais os elementos essenciais da teoria marxista, o que estes têm de singular e de que forma impactam a reflexão sobre fenômenos sócio-históricos.

Tendo como fundamentação filosófico-política os quatro volumes de os *Quaderni del carcere* gramscianos, Maria Socorro Ramos Militão analisa em seu artigo, “Crise orgânica, hegemonia e revolução passiva gramsciana”, as reflexões do filósofo italiano Antonio Gramsci acerca da crise orgânica, que ocupa lugar de destaque em toda a obra *Cadernos do Cárcere*. A autora discorre sobre a análise de Gramsci da crise e a dimensão que ela atinge, averiguando quais seriam os fatores que se coligam e que a caracterizam no período da Primeira Guerra e no posterior.

Vinícius dos Santos delimita qual o uso que Marx faz das noções de “ser genérico” (*Gattungswesen*) e “gênero” (*Gattung*) enquanto conceitos filosóficos expressivos do materialismo histórico, assim como propõe uma reflexão de seus desdobramentos. O autor demonstra em seu artigo, “Notas sobre o conceito de *Gattungswesen* em Marx”, como a noção de “ser genérico” permite apreender alguns aspectos essenciais da compreensão marxiana acerca da socialidade capitalista, fundamentada no fenômeno do trabalho alienado ou estranhado (*entfremdete Arbeit*).

Em seu artigo, “O enigma ontológico da mercadoria como ponto de partida d’*O Capital* de Marx”, Leonardo da Hora Pereira resalta a importância filosófica d’ *O Capital* a partir da análise do enigma ontológico do modo de ser da forma-mercadoria, de seu caráter dúplice e concomitante relacionados entre si. Para o autor, a análise da forma-mercadoria foi alvo de inúmeras controvérsias, e é de grande relevância para a compreensão da obra.

Gianni Fresu, em seu artigo, “A questão judaica: a transição do jovem Marx da crítica filosófica à crítica da economia política”, discorre sobre a fase inicial do pensamento de Marx, influenciada por Bruno Bauer, até a *Questão judaica* e a *Introdução*, quando Marx se emancipa completamente da influência de Bauer.

Patrícia Costa e Silva em seu artigo, “Individualismo e alienação: condições e contradições do ser social em Karl Marx”, discorre sobre as contradições do ser social na sociedade capitalista. Para a autora a contradição entre capital e trabalho na sociedade capitalista tem como causa a ocultação do sujeito como classe. Sob a condição de alienação, a valorização do indivíduo é estratégia que objetiva ocultá-lo enquanto pertencente a uma classe e, assim, aniquilá-lo enquanto sujeito, distanciando-o do desenvolvimento de suas potencialidades pessoais e sociais, enquanto sujeito de si e da história.

Partindo da hipótese de que a ontologia do ser social, desenvolvida por Marx e formalizada filosoficamente pela obra do Lukács tardio, tem uma importante contribuição, desde que acrescido o devido relevo à questão da linguagem, Laurenio Leite Sombra, em seu artigo, “Entre o discurso e a ontologia do ser social: possibilidades de um debate”, propõe um contraponto entre a teoria do discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe e a ontologia do ser social de Lukács. O autor propõe que a dualidade estabelecida por Laclau e Mouffe entre contingência e necessidade, categorias fundamentalmente lógicas, não abarca a ontologia do ser social, que constitui uma objetividade que “tem a sua própria lógica”, nem da necessidade nem da contingência.

Ana Maria Said em seu artigo, “Hegemonia e questão feminina em Antonio Gramsci”, afirma que é possível entender o papel da mulher na sociedade, para Gramsci, ao pensá-lo a partir do conceito de “hegemonia” e sua definição de subalternidade, e sua superação. O artigo pretende fazer uma reflexão sobre a questão das minorias, dos preconceitos e das discriminações, da violência sobre elas, como manifestação desse comportamento retrógrado e conservador da sociedade individualista e de massas, em um contexto de crise de autoridade atual, onde há um avanço da extrema direita em muitos e importantes países do mundo.

A partir da relação entre materialismo, ciência e metafísica na obra de Marx, Gedeão Mendonça de Moura, em seu artigo “Materialismo, ciência e metafísica em Marx”, questiona se Marx, mesmo declarando-se um pensador materialista, não seria um tributário da metafísica por não abandonar completamente certas reminiscências dela. O autor discute se não haveria uma incoerência no interior de sua nova concepção (materialista) de mundo, como também questiona se o empreendimento teórico de Marx residiria apenas em bases científicas.

Pedro Leão da Costa Neto, em seu artigo “Sobre a recepção das obras de Marx e Engels até 1989”, analisa a história da constituição do *corpus* das obras de Karl Marx e Friedrich Engels, procurando identificar as dificuldades de natureza política e teórica que procrastinam a sua execução. Para o autor, ao discorrer sobre esses obstáculos deve-se considerar dois aspectos a saber, as condições históricas e políticas, que desde o início estabeleceram, entre si, um caráter indissociável que determinou a difusão de suas obras.

A partir da análise da questão da essência humana na obra do jovem Marx, Cristian Arão Silva de Jesus, em seu artigo “Liberdade como essência humana: o problema do sujeito no jovem Marx”, propõe argumentar que o conceito de essência desenvolvido nos manuscritos de 1844 constitui-se importante fundamento para o materialismo histórico. Para o autor, a interpretação da essência humana como liberdade permite compreender que não há nada de extra-material na definição do ser humano. Dessa forma, ele procura apresentar uma perspectiva distinta do argumento que defende a existência de um antimaterialismo relacionado ao conceito de essência.

Em seu artigo, “Marx e a propriedade”, Mauro Castelo Branco de Moura defende que os argumentos contrários à propriedade privada dos comunistas, desde os tempos de Marx, sofreram acusações infundadas e sempre foram alvo das invectivas mais estapafúrdias de seus detratores, que trataram de disseminar a ideia, para anatematizar os incautos, de que os comunistas pretendiam expropriar e coletivizar até os artigos de uso pessoal. O autor recorda que no *Manifesto Comunista* Marx e Engels esclarecem que o comunismo não propõe abolir toda a espécie de propriedade, mas apenas a propriedade burguesa. Por essa razão o autor pretende contribuir para o esclarecimento do que é a “propriedade burguesa”.

Leonardo André Paes Müller em seu artigo, “O conceito de teoria em Marx”, intenta explorar a revolução na relação entre teoria e prática impulsionada por Marx. Para o autor, a concepção crítica dessa relação, em que a necessidade de se focar no processo de constituição do objeto do conhecimento é enfatizada, já é feita a partir da reconstituição de sua crítica à filosofia de Hegel. Ainda segundo o autor, Marx após várias tentativas de tentar abarcar esse

objeto de modo mais consistente, o alcança com a formulação do conceito de modo de produção, em *A ideologia alemã*, plenamente desenvolvido com sua crítica ao fetichismo da mercadoria, em *O Capital*.

Em seu artigo “Sobre o desenvolvimento da categoria capital portador de juros”, Ricardo Melo pretende discutir a exposição dialética de Marx sobre o capital a juros e descobrir as potencialidades dessa categoria tão importante. O autor desenvolve a exposição dialética de Marx sobre o capital portador de juros visando descobrir as potencialidades dessa categoria para compreender as relações fetichizadas do modo de produção capitalista.

Adriana Santos Tabosa em seu artigo analisa a distinção apresentada por Marx entre entesourador e capitalista. Sua abordagem fundamenta-se em dois aspectos: num primeiro momento, a autora explana o processo aplicado para a ação da multiplicação incessante do valor exercido pelo entesourador e pelo capitalista. Num segundo momento, em uma perspectiva psicológica, investiga por que Marx define o entesourador como “capitalista demente” e o capitalista como “entesourador racional”.

Boa leitura!

Mauro Castelo Branco de Moura

Adriana Santos Tabosa

Laurenio Leite Sombra

(Organizadores do dossiê)